

Mapa Sistêmico e a criação dos laboratórios de pesquisa em Soledade (RS)

Prática de pesquisa-ação

Realização:

CIDADE ESCOLA
APRENDIZ

Apoio:

 **imaginable**
futures

**Mapa Sistêmico e a criação
dos laboratórios de pesquisa
em Soledade (RS)**

Ficha Técnica

PUBLICAÇÃO

Autoras

Giulia Luz Garuzi
Heloísa H. D. Martins Proença

Co-autoras

Bergman de Paula Pereira
Helena Freire Weffort

Leitura crítica

Maria Thereza Marcílio

Edição

Roberta Tasselli

Revisão ortográfica

Paula Hercy Cardoso Craveiro

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Direção Colegiada

Paula Patrone
Raiana Ribeiro
Roberta Tasselli

Diretoria Institucional

Paula Patrone

Diretoria de Programas

Raiana Ribeiro

Diretoria de Comunicação para o Desenvolvimento

Roberta Tasselli

Gerente de Programas

Maíra da Costa

Projeto

Territórios Educativo e
Educação Integral em
contexto de crise: caminhos
para a transformação de
redes e escolas brasileiras

Gestão

Helena Freire Weffort

Pesquisadoras e Formadoras

Bergman de Paula Pereira
Giulia Luz Garuzi
Heloísa H. D. Martins Proença

Assessoria

Maria Thereza Marcílio

Apoio

Imaginable Futures

Sumário

1. Mapa Sistêmico e os laboratórios de pesquisa em Soledade (RS)

1.1 Mapa Sistêmico nos territórios:
uma ferramenta em experimentação

1.2 A singularidade do Mapa
Sistêmico de Soledade

2. Ciclo de mobilização como ferramenta teórico-prática: como nascem os Laboratórios?

2.1 Laboratórios de Pesquisa como
espaços formativos e colaborativos

2.2 Metodologia em movimento:
recomeços

Referências bibliográficas



1. Mapa Sistêmico e os laboratórios de pesquisa em Soledade (RS)

O Mapa Sistêmico é uma ferramenta estratégica desenvolvida para integrar e articular os diferentes elementos que compõem a rede educacional, com vistas à promoção de uma Educação Integral Antirracista. Parte de uma abordagem que reconhece que a Educação não ocorre isoladamente, mas está intrinsecamente ligada aos contextos sociais, culturais, territoriais e institucionais em que se insere.



Fonte: Equipe de Pesquisa 2024.

A imagem representa o Mapa Sistêmico elaborado a partir de um processo de cocriação desenvolvido ao longo de seis meses, com um grupo amplo e diversos de profissionais — representantes das escolas e redes de ensino, bem como de diferentes instâncias do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente (SGDCA), além de organizações da sociedade civil e de políticas públicas correlatas. A composição plural deste coletivo foi fundamental para ampliar as perspectivas, identificar interdependências e construir, de forma colaborativa, caminhos possíveis para enfrentar os desafios identificados.¹

Esse percurso envolveu encontros mensais de discussão online, intercalados pelo compartilhamento das sistematizações de cada encontro com todos os participantes — movimento este que promoveu um ciclo contínuo de reflexão e aprimoramento coletivo. O resultado desse processo, concluído em julho de 2022, foi um mapa que sintetiza as compreensões e os aprendizados do grupo, apresentando as seis alavancas consideradas centrais para a promoção de transformações sistêmicas na Educação:

- o letramento étnico-racial e de gênero, voltado ao reconhecimento e enfrentamento das desigualdades estruturais nas práticas educativas;
- a elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) com a participação efetiva da comunidade escolar e do território;
- a instituição da escola como lócus de pesquisa, articulada ao seu contexto local;

1 Esse histórico de cocriação da hipótese metodológica por ser encontrado de modo mais detalhado no artigo “Pesquisa-ação em Educação Integral: experiências iniciais de implementação”, publicado no livro Teoria e Prática, organizado pela professora e pesquisadora Lucineia Alves, e publicado pela editora Autografia. Disponível em: [TeoriaePraticanaEducação CAP5 Artigo Pesquisa AçãoemEducaçãoIntegral \(1\).pdf - Google Drive](#).

- o fomento à colaboração entre organizações educativas, fortalecendo redes de troca e aprendizagem nos territórios;
- a intersetorialidade das políticas públicas, integrando diferentes áreas na garantia de direitos; e
- a Educação para e com a singularidade, que reconhece e valoriza a diversidade dos percursos e modos de aprender.

Essas alavancas, ao atuarem de forma integrada, conformam uma visão antirracista, antissexista e sistêmica da Educação Integral, na qual cada dimensão impulsiona as demais, consolidando um modelo de transformação sustentado pela colaboração, pela equidade e pela corresponsabilidade entre os diferentes atores envolvidos.



A partir dessa formulação coletiva, o passo seguinte da pesquisa consistiu em experimentar a hipótese metodológica delineada pelo grupo no chão de dois territórios brasileiros: **Soledade (RS)** e **Conceição da Barra (ES)**. Essa etapa marcou a transição do plano teórico-conceitual para a vivência prática da metodologia criada nos contextos locais, permitindo testar, ajustar e aprofundar as seis alavancas identificadas em diálogo com as realidades territoriais, as redes intersetoriais e as comunidades escolares envolvidas.

Por meio dessa imersão, buscou-se compreender como o Mapa Sistêmico poderia se traduzir em estratégias concretas de mobilização, escuta e transformação coletiva, reafirmando a centralidade da participação e do contexto para a efetivação de uma Educação Integral Antirracista. É a partir da experiência em Soledade que, a seguir, será explicado o Mapa Sistêmico e seu processo de implementação no território.

1.1 Mapa Sistêmico nos territórios: uma ferramenta em experimentação

O processo de construção do Mapa Sistêmico de Soledade desenvolveu-se entre os anos de 2023 e 2025, como uma trajetória de cocriação, experimentação metodológica e diálogo com as especificidades do território. Desde o início, a pesquisa buscou valorizar as potencialidades locais e a estrutura participativa já existente, especialmente o programa “Viver Bem, Viver em Soledade”, alinhado à visão de Cidade Educadora e aos princípios da Educação Integral.

A primeira etapa, realizada ao longo dos anos de 2023 e 2024, envolveu encontros presenciais e à distância que articularam momentos de diagnóstico, reflexão e proposição coletiva. Esses encontros possibilitaram o engajamento da rede educacional, a identificação de práticas e desafios existentes, a realização de oficinas e visitas técnicas a escolas e demais equipamentos culturais, e a validação coletiva de uma versão preliminar do Mapa, que incorporou conceitos como Currículo Sistêmico, Gestão Democrática e Intersetorialidade como eixos estruturantes das políticas públicas educacionais no município.

No ano de 2025, a pesquisa entrou em uma nova fase, marcada por mudanças na gestão da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), de Soledade. Com a chegada da nova equipe gestora, tornou-se necessário reorganizar pactuações e redefinir diretrizes em torno da

política educacional do município. Nesse contexto, o planejamento da pesquisa concentrou-se em consolidar o Mapa Sistemico e os Laboratórios de Pesquisa como práticas territorializadas e sustentáveis.

Foram realizados três novos encontros presenciais voltados à reconexão do Mapa Sistemico como estratégia metodológica de apoio à gestão educacional, fortalecendo sua utilização como ferramenta para planejamento estratégico e participativo das políticas públicas da Secretaria. Paralelamente, a pesquisa dedicou-se a aprofundar o trabalho junto à rede educacional — especialmente direções e coordenações pedagógicas das 18 escolas municipais — na atualização da metodologia dos Laboratórios de Pesquisa, com o objetivo de subsidiar um desenho sistemico e estratégico comum que orientasse o desenvolvimento das ações educacionais no território.

Linha do Tempo

jan-jul 2024:

*jornada pedagógica
e constituição dos
Laboratórios de
Pesquisa*

jan-dez 2025:

*mudança de gestão
SMEC e reformulação
dos Laboratórios e
Mapa local*



jun-dez 2023:
*início da pesquisa
no território e
aprofundamento
do diagnóstico*

out-dez 2024:
*consolidação dos
Laboratórios e
primeira versão do
Mapa Sistemico local*

1.2 A singularidade do Mapa Sistêmico de Soledade

Embora o Mapa Sistêmico da pesquisa-ação e o de Soledade compartilhem a mesma base teórica e metodológica, é importante salientar que há diferenças relevantes decorrentes da especificidade territorial. O Mapa Sistêmico de Soledade reflete um contexto marcado por iniciativas participativas e intersetoriais já consolidadas, como a Gestão Democrática e o compromisso com uma Educação Integral conectada ao território. Em contrapartida, desafios como o fortalecimento do protagonismo estudantil e a inclusão de questões raciais e de gênero emergiram como demandas específicas no diagnóstico local.

Essas diferenças evidenciam a adaptabilidade do Mapa Sistêmico como ferramenta. Enquanto o Mapa geral serve como um modelo estruturante, sua aplicação em Soledade demonstrou a importância de moldar os princípios, os processos e as ações às realidades e necessidades identificadas. Essa flexibilidade garantiu que o Mapa não fosse apenas um produto teórico, mas um instrumento prático para a transformação educacional local.

A adaptabilidade do Mapa Sistêmico é um de seus aspectos mais valiosos, permitindo que ele funcione como um diagnóstico vivo e um planejamento estratégico em constante evolução. Em Soledade, a ferramenta possibilitou integrar as práticas locais à metodologia da pesquisa, criando um espaço de experimentação coletiva. A construção do Mapa envolveu múltiplos atores — professores, gestores, estudantes e comunidade —, promovendo uma visão compartilhada sobre os desafios e caminhos da Educação no território.

Além disso, a capacidade de responder a contextos adversos revelou-se um dos aspectos mais significativos da etapa de experimentação territorial. Durante o desenvolvimento da pesquisa-ação em Soledade (RS),

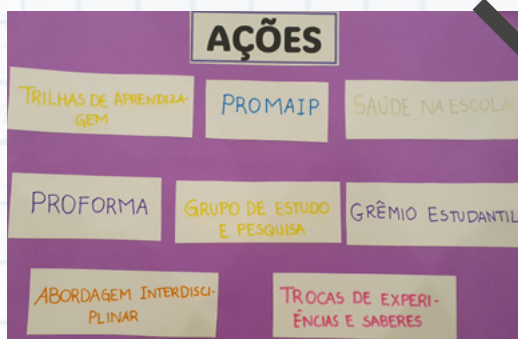
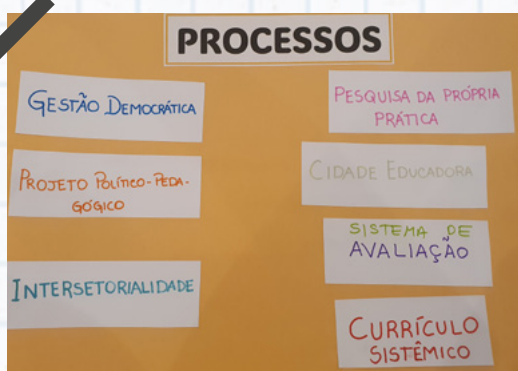
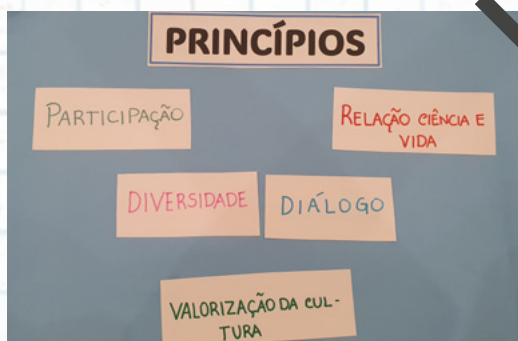


Imagem: Atividade de mapeamento sistêmico durante pesquisa-ação em Soledade, 2023.

o município foi fortemente impactado pelas enchentes que atingiram a região Sul do país entre o final de 2023 e o início de 2024, comprometendo escolas, equipamentos públicos e a rotina de centenas de famílias.

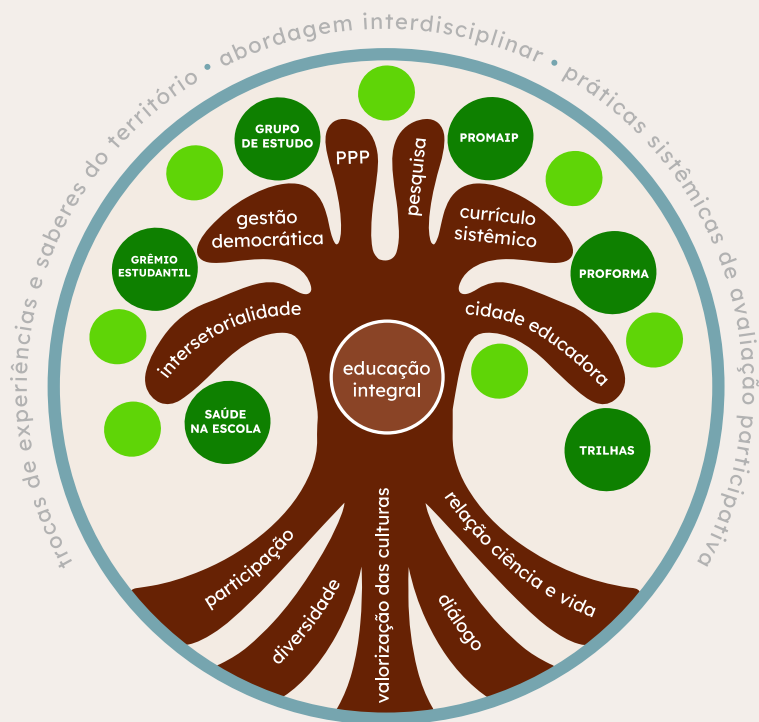
Esse cenário de crise impôs uma pausa forçada nas atividades presenciais, mas também se tornou um campo de aprendizagem coletiva sobre resiliência, solidariedade e intersectorialidade. Neste momento, observamos o papel do Mapa como catalisador de discussões críticas sobre sustentabilidade, intersectorialidade e justiça curricular² no município. O Mapa Sistêmico, portanto, se reafirma como uma ferramenta estratégica que não apenas organiza as ações do presente, mas também projeta um futuro mais equitativo e sustentável para a Educação e o território.

A construção do Mapa Sistêmico em Soledade evidenciou a força da cocriação e a importância de uma abordagem adaptável e participativa. Ao conectar princípios teóricos a práticas concretas, o Mapa tornou-se um instrumento essencial para compreender e transformar o contexto educacional, promovendo uma Educação mais integrada, justa e conectada às realidades locais.

Concebido a partir das experiências coletivas vivenciadas no município, o Mapa Sistêmico identifica desafios e potencialidades do sistema educacional, orientando a criação de soluções alinhadas às demandas locais. Entre as potencialidades, por exemplo,

2 O conceito de justiça curricular será aprofundado na página 13 deste documento.

Mapa Sistêmico - Soledade



Fonte: Relatório de pesquisa (Soledade-RS), 2024.

O que é justiça curricular?

Justiça curricular é a compreensão de que o currículo deve atuar como instrumento de redução das desigualdades, promovendo dignidade, participação e respeito às diferenças. Envolve tratar o ensino, a aprendizagem, a convivência e o cuidado como dimensões integradas da experiência educativa. Ao orientar o trabalho escolar para a inclusão e para a valorização da diversidade, a justiça curricular busca garantir que todos os estudantes tenham acesso significativo ao conhecimento e condições equitativas de desenvolvimento.

observamos a criação de diversas iniciativas e programas voltados à formação continuada e investimento em pesquisa, bem como da criação de instâncias participativas, denominadas “Grupos Dinamizadores”, responsáveis pelo diálogo, pela articulação e pela formação da rede. Por outro lado, foi por meio do Mapa Sistêmico local que se tornou possível identificar a ausência de iniciativas interseccionais, além do desafio de enraizamento de ações estruturadas que efetivamente chegassem à realidade das escolas do município.

Além da identificação das potencialidades locais e das lacunas para um projeto sistêmico e transformador, o Mapa também serviu como um instrumento de diagnóstico e planejamento, que permitiu que a rede de ensino visualizasse as relações entre diferentes componentes, como currículo e Projeto Político-Pedagógico (PPP), políticas públicas intersetoriais e práticas pedagógicas. Essa perspectiva ampla e integrada contribuiu para que as decisões fossem mais estratégicas e fundamentadas, a fim de promover no município uma Educação que seja, ao mesmo tempo, equitativa, inclusiva e transformadora.

Uma das principais contribuições do Mapa Sistêmico é a possibilidade de conectar o planejamento educacional a temas fundamentais, como a equidade de gênero e raça, o protagonismo das comunidades escolares e a valorização dos saberes do território. Dentre os desdobramentos observados, é possível mencionar a criação da Trilha Étnico-racial e de Gênero, voltada à formação de todas as pessoas que compõem a rede de ensino local — estudantes, docentes, coordenação e direção.



Imagem: Registro da atividade de letramento com estudantes da rede municipal de Soledade, 2024.

Outra iniciativa ativada no município foi a criação dos Laboratórios de Pesquisa enquanto espaços de aprofundamento formativo, de intervenção nas políticas e de pesquisa da própria prática. Ao longo dos quase três anos de incidência da equipe de pesquisa, diversas ações investigativas foram realizadas pela rede de ensino, potencializando a troca de experiências entre escolas e demais atores da comunidade escolar, como famílias e estudantes.



Imagem: Registro de encontro presencial em Soledade-RS, agosto/2024.

Esses espaços propiciaram a consolidação de uma nova instância dentro do município, a qual aprofundaremos metodologicamente no próximo item. Cabe, por fim, afirmar que o **Mapa Sistêmico mostrou-se uma ferramenta dinâmica que se adapta às necessidades da comunidade escolar, funcionando como uma bússola para transformar a Educação em uma experiência significativa e conectada com a vida.** Nesse contexto, a operacionalização do Mapa Sistêmico acontece por meio do acionamento de ciclos de mobilização sistêmicos nos territórios, e em Soledade não foi diferente. Para isso, surge uma nova criação: os Laboratórios de Pesquisa.



2. Ciclo de mobilização como ferramenta teórico-prática: como nascem os Laboratórios?

Para apoiar a efetivação desses processos de transformação na busca pelo Direito a uma Educação Integral e Antirracista, a hipótese metodológica apresenta como movimento a criação e o fortalecimento de redes de atuação mobilizadas nos territórios por meio de ciclos participativos e colaborativos. Entende-se que redes se formam em prol de causas que, tornadas coletivas, geram engajamento em ciclos de trabalho e mobilização sistêmica. Conforme descrito no documento de orientação da hipótese metodológica elaborado pela equipe de pesquisa:

Os ciclos de mobilização se organizam basicamente por movimentos de diagnóstico e movimentos de elaboração de plano de ação. Seus movimentos são alimentados por ações de comunicação e processos de avaliação do trabalho em rede. Os ciclos são constituídos por seis fases principais, que se retroalimentam com o intuito de fortalecer a rede e suas ações, em movimentos de aprimoramento e reflexão da própria prática. (p. 4)

Os ciclos de mobilização foram concebidos para guiar ações coletivas e colaborativas, tendo como forças motrizes a comunicação e a mobilização e, a partir de etapas bem definidas, diagnóstico participativo, análise participativa dos achados, definição de intenções, elaboração do plano de ação e critérios de monitoramento. Esses ciclos buscam criar um ambiente participativo e reflexivo que permita a construção de soluções customizadas para os desafios específicos de cada território.

Pautados por eixos estratégicos como intersetorialidade, letramento racial e de gênero e conexão entre escola e território, os ciclos fundamentam-se em um movimento contínuo de escuta, análise e intervenção. Em Soledade, esse processo se materializou no que chamamos *Laboratórios de Pesquisa*, organizados em três eixos principais, sendo um Laboratório de Aprendizagem, outro voltado para Mobilização/Intersectorialidade e outro, para Convivência Democrática, com foco na relação família-escola. Assim como nos ciclos, o ponto de partida dos laboratórios foi um diagnóstico detalhado, que mapeou as demandas específicas da comunidade escolar e do território, identificando lacunas e potencialidades.

A mobilização de múltiplos atores foi outro ponto de convergência entre os ciclos de mobilização e os laboratórios. Ambos enfatizam a participação ativa de equipes docentes e gestoras, comunidades estudantis e familiares, além de organizações parceiras do território, promovendo a construção coletiva de soluções que reflitam as realidades locais. Essa abordagem colaborativa foi essencial para garantir que as ações implementadas nos Laboratórios fossem significativas e alinhadas às necessidades de Soledade. Além disso, os Laboratórios permitiram que os participantes vivenciassem na prática os princípios orientadores dos ciclos, como a intersectorialidade e o vínculo escola-território.

A etapa de planejamento e execução nos ciclos de mobilização também encontra um paralelo direto nos Laboratórios de Pesquisa. **Enquanto os ciclos propõem a elaboração de planos de ação que articulem as**

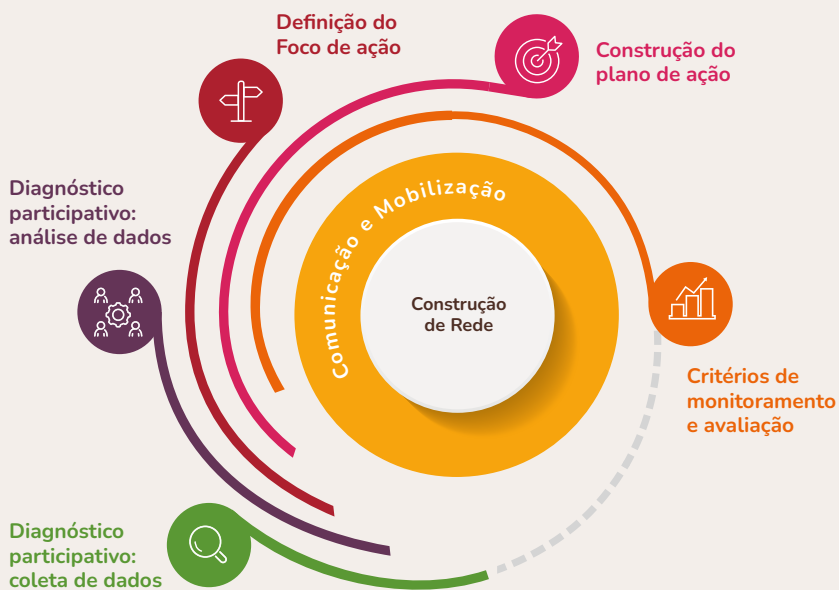
demandas e os objetivos do território, os Laboratórios funcionaram como espaços onde essas ações puderam ser testadas e ajustadas. O

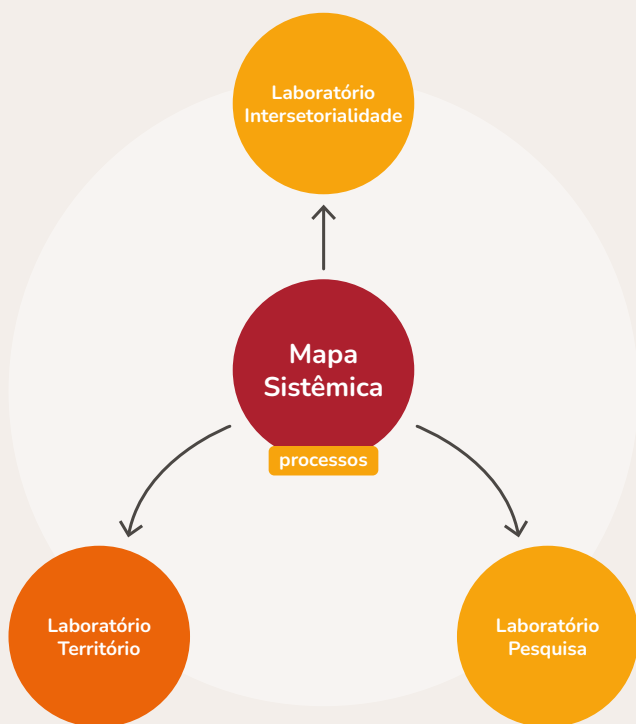
Laboratório de Aprendizagem, por exemplo, focou nas relações entre as estratégias de ensino-aprendizagem baseadas na concepção de Educação Integral e os resultados apresentados nas avaliações institucionais externas e internas. Já o Laboratório de Mobilização para a Intersetorialidade dedicou-se a explorar estratégias de sensibilização comunitária e de articulação entre políticas públicas e Educação, contribuindo para enfrentar desafios estruturais, como desigualdades sociais e os impactos das mudanças climáticas. Essas ações evidenciam como os Laboratórios traduzem os conceitos teóricos dos ciclos em práticas concretas que geram impacto direto nas comunidades escolares e na incidência do planejamento e gestão das Secretarias.

A avaliação e o monitoramento também são elementos centrais tanto nos ciclos de mobilização quanto nos Laboratórios. Em ambos os casos, a reflexão contínua sobre as ações desenvolvidas permitiu ajustes e aprimoramentos que fortaleceram o processo de transformação. Em Soledade, encontros regulares de avaliação nos Laboratórios possibilitaram a identificação de avanços e desafios, garantindo que as ações permanecessem alinhadas às demandas emergentes do território. Essa flexibilidade é um dos pontos fortes da metodologia, permitindo que ela se adapte a contextos diversos e atenda a necessidades específicas.

Enquanto os ciclos oferecem uma estrutura teórica e operacional robusta, os Laboratórios trazem essas diretrizes para o campo prático, promovendo a experimentação e a cocriação. Essa relação dinâmica garantiu que o processo de transformação não fosse apenas uma aplicação estática de modelos, mas um movimento vivo e participativo, que respeita e valoriza as singularidades do território.

Quando a metodologia encontra o território





Além disso, a relação entre os ciclos e os laboratórios destacou a importância do planejamento colaborativo e da escuta ativa como elementos fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e conectada às realidades locais. A experiência de Soledade revelou que essa integração entre teoria e prática não apenas promove transformações significativas no ambiente educacional, como também fortalece os vínculos entre escola, comunidade e território. Em última instância, essa articulação reflete o potencial transformador de uma abordagem sistêmica, que coloca a educação no centro das ações para construir uma sociedade mais justa e sustentável.

Desse modo, entre os anos de 2023 a 2025, **a experiência consolidou uma prática em que teoria e ação se tornam indissociáveis, articulando escuta, análise e intervenção num mesmo gesto coletivo de produção de conhecimento e transformação social.** Nesse percurso, os ciclos de mobilização — inicialmente formulados como um modelo metodológico orientador — ganharam corpo e sentido concreto por meio da criação e do amadurecimento dos Laboratórios de Pesquisa, espaços colaborativos de experimentação, aprendizagem e incidência sobre a política educacional local.

2.1 Laboratórios de Pesquisa como espaços formativos e colaborativos

Em Soledade, cada Laboratório constituiu-se como um microciclo vivo de mobilização, no qual os movimentos de diagnóstico, planejamento, ação e avaliação se entrelaçaram de forma contínua. Não houve separação entre o plano conceitual e a prática no território: as escolas, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), as equipes técnicas e as famílias foram simultaneamente sujeitos e autores do processo, construindo conhecimento a partir das experiências concretas e devolvendo-o ao sistema em forma de reflexão crítica e reorganização das práticas.

A ideia dos Laboratórios começou a se formar a partir da análise dos registros coletivos e individuais realizados durante os encontros presenciais. Esses registros revelaram questões cruciais sobre o planejamento educacional, como a necessidade de uma maior articulação entre o currículo, os potenciais educativos do território e os desafios sociais, como as desigualdades de gênero e raça. Além disso, ficou evidente a demanda por práticas educativas que promovessem o protagonismo dos estudantes e valorizassem a diversidade local. A partir dessas reflexões, os Laboratórios de Pesquisa foram concebidos como espaços experimentais voltados à implementação prática dos conceitos teóricos discutidos.

O processo de criação envolveu uma abordagem participativa, com encontros realizados também entre as etapas do ciclo que permitiram o diálogo contínuo entre a equipe de pesquisa e para quem educa no sistema municipal. A demanda pela reflexão sobre a proposta curricular e novas práticas de ensino-aprendizagem possibilitaram o fortalecimento, em especial, de um dos eixos do Mapa Sistêmico nessa etapa do processo — “a instituição da escola como centro de pesquisa” —, o que possibilitou um olhar para o currículo a partir da perspectiva do conceito de justiça curricular, isto é:

A justiça curricular se faz pela busca e prática do currículo como instrumento de superação de desigualdades e como espaço de luta por dignidade, igualdade, respeito às diferenças e construção de subjetividades democráticas. (...)

As aspirações impulsionadas pelo enfoque da justiça curricular devem ser projetadas por um prisma tridimensional, faces indissociáveis que fazem enxergar o currículo como todo o processo de ensino-aprendizagem-convivência-cuidado na construção do conhecimento significativo para a vida digna (Costa et al., 2029, p. 10-11).

A implementação dos Laboratórios foi enriquecida por metodologias de escuta e problematização, que ampliaram o entendimento sobre as práticas educativas e incentivaram a experimentação de novas abordagens. Um dos momentos mais marcantes foi a discussão sobre justiça curricu-

lar, onde os conceitos de **cuidado, convivência democrática e conhecimento – os chamados Três Cs** – foram incorporados ao planejamento das ações dos Laboratórios. Esse debate evidenciou a necessidade de alinhar o currículo às realidades do território e às demandas contemporâneas, promovendo uma Educação mais equitativa e transformadora.

Observamos que, por meio dos três Cs da justiça curricular, foram estimuladas no grupo a estruturação das propostas de Laboratórios, que, ao final, tiveram seus desenhos focados na relação entre conhecimento (Laboratório Aprendizagem), cuidado (Laboratório Família) e convivência (Laboratório Mobilização), focalizando a experimentação prática do Mapa Sistemico por meio de ciclos de mobilização adaptados à demanda local.

Laboratórios e os Três C's da Justiça Curricular



Fonte: Relatório de pesquisa (Soledade-RS) 2024.

O Laboratório de Aprendizagem teve como foco o eixo do conhecimento, buscando compreender e fortalecer as práticas de ensino-aprendizagem sob a ótica da justiça curricular, ou seja, da Educação como instrumento de equidade, dignidade e respeito às diferenças. Suas questões de pesquisa — “Quais estratégias de ensino produzem aprendizagens significativas e transformadoras?” — conduziram as escolas a se reconhecerem como produtoras de saberes sobre si mesmas. O Laboratório aproximou currículo e território, articulando metodologias participativas, análise de dados pedagógicos e reflexão crítica sobre o sentido do aprender.

O Laboratório de Mobilização/Intersetorialidade operou a partir do eixo da convivência e da integração entre políticas públicas, colocando a Educação em diálogo direto com os desafios sociais e ambientais do município. Seu propósito central foi “mobilizar o outro para a causa socioambiental”, articulando escolas, secretarias, comunidades e organizações locais em torno de práticas colaborativas. Diante de eventos críticos, como as enchentes que atingiram a região, o Laboratório tornou-se espaço de reconstrução simbólica e de reafirmação do papel da escola como agente de coesão comunitária, fortalecendo o princípio da intersectorialidade como base da gestão educacional.

O Laboratório de Convivência Democrática (Família-Escola), por sua vez, ancorou-se no eixo do cuidado, voltando-se à construção de vínculos e à corresponsabilização entre escola, famílias e comunidade. A questão-guia — “O que possibilita experiências transformadoras na relação com as famílias?” — estimulou um processo de escuta ativa, mediação de conflitos e reflexão sobre a gestão democrática como prática cotidiana. Nesse espaço, a dimensão do cuidado foi entendida como categoria política e pedagógica, fundamental para o fortalecimento da convivência e da coesão social.

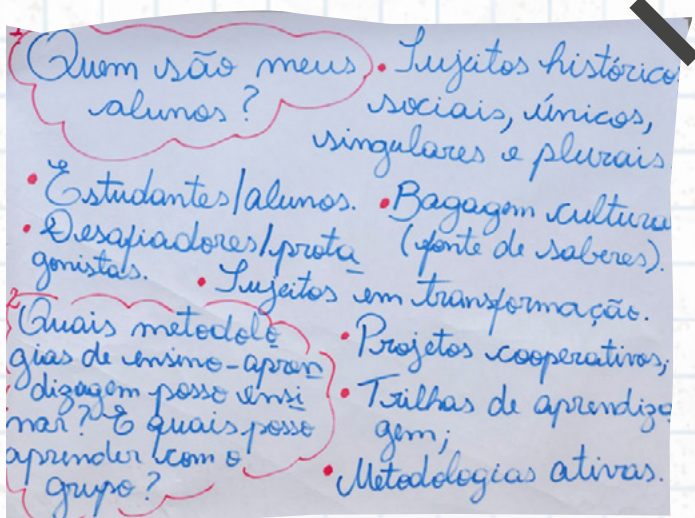


Imagem: Exemplo de materiais produzidos no âmbito dos Laboratórios de Pesquisa.

Metodologicamente, os três Laboratórios funcionaram como espirais formativas, combinando momentos de estudo, observação e ação. Cada grupo partiu de um diagnóstico coletivo, formulou questões de pesquisa situadas e experimentou ações pedagógicas concretas em suas escolas, registrando e compartilhando os resultados em encontros periódicos com a Secretaria Municipal e com a equipe de pesquisa. Esse movimento contínuo de retroalimentação constituiu o cerne da mobilização: aprender fazendo, planejar refletindo e transformar compreendendo.

2.2 Metodologia em movimento: **recomeços**

O amadurecimento do Mapa Sistêmico e a criação dos Laboratórios de Pesquisa em Soledade ao longo de 2024 simbolizaram a força de uma Educação que se constrói na escuta, no diálogo e na ação colaborativa. Ao integrar práticas inclusivas, saberes tradicionais e uma abordagem sistêmica, essas iniciativas apontam para um modelo educacional mais equitativo e sustentável. Os laboratórios não apenas trouxeram respostas práticas às demandas do território, mas também consolidaram uma rede educacional mais conectada e comprometida com a transformação social.

No entanto, a movimentação política e institucional em decorrência das mudanças de gestão desafiam a sustentabilidade da metodologia. A partir das eleições municipais de Soledade, uma nova equipe de gestão chega ao município, com novos projetos e princípios a partilhar com a rede. E como fizemos para dar continuidade a todo esse processo?



Imagem: Registro do encontro em Soledade-RS, agosto/2025.

Foi necessário atravessar uma etapa decisiva de repactuação. A equipe de pesquisa apoiou a nova gestão na reapropriação do Mapa Sistemico como ferramenta de planejamento estratégico e na reconfiguração dos Laboratórios a partir das prioridades emergentes. O diálogo com a Secretaria resultou na reorganização dos laboratórios em três novas frentes — Direito ao Ato de Ler e Escrever no Mundo, Respeito às Infâncias e Gestão Democrática — que mantiveram a estrutura metodológica, mas a alinharam a um novo horizonte político-pedagógico.

A transição política vivida pelo município abriu também a oportunidade de compreender os Laboratórios de Pesquisa como uma estratégia de continuidade institucional, capaz de resguardar e atualizar os aprendizados construídos pela rede ao longo dos anos anteriores. Em 2025, o movimento de reorganização da política educacional a partir da chegada de uma nova gestão buscou não apenas alinhar os trabalhos às novas diretrizes, mas, sobretudo, recuperar as contribuições da gestão precedente — reconhecendo práticas, metodologias e vínculos que se mostraram significativos — enquanto projetava as atualizações necessárias ao novo momento. Os laboratórios passam, a partir desse momento, a atuar como dispositivos de transição, articulando memória e inovação: preservam o que a rede identificou como relevante, oferecem um arcabouço consistente para garantir continuidade ao que estava em curso e criam condições para que mudanças possam emergir de forma dialogada, sustentada e coerente com a trajetória construída no território.

Essa repactuação realizada em 2025, consolidou um novo ciclo de amadurecimento metodológico da experiência do Mapa Sistemico, reafirmando a pesquisa-ação como fundamento da política educacional do município. Essa reconfiguração não significou ruptura, mas continuidade viva de um processo de aprendizagem institucional e coletiva, no qual a rede municipal reorganizou suas prioridades a partir das experiências e dos aprendizados acumulados entre 2023 e 2024. Os três novos laboratórios nascem dessa trajetória, traduzindo em linguagem pedagógica

e política o princípio orientador da metodologia: agir, refletir e transformar em movimento contínuo, integrando formação, gestão e prática pedagógica em um mesmo gesto coletivo.

O Laboratório Direito ao Ato de Ler e Escrever no Mundo foi estruturado como espaço de aprofundamento do direito à aprendizagem e à alfabetização plena, compreendida como processo de inserção crítica, cultural e simbólica no mundo. Inspirado no pensamento freireano e nas diretrizes da justiça curricular, esse laboratório traduz o aprendizado da pesquisa-ação sobre a importância de vincular o ensino à experiência concreta dos sujeitos, valorizando o território e as relações como motores do aprendizado. Entre as experiências mais significativas que emergiram, destacou-se a troca de cartas ocorrida na rede, que revelou a potência da escrita como ferramenta de comunicação, pertencimento e reconhecimento mútuo. O gesto de trocar palavras entre crianças e comunidades de outros estados despertou na rede o desejo de compreender mais profundamente o papel da alfabetização como prática emancipatória, estimulando a reflexão coletiva sobre metodologias de ensino, estratégias de acompanhamento das aprendizagens e processos de formação docente. A partir dessa vivência, o Laboratório se afirmou como campo de investigação sobre os modos de garantir o direito de aprender de todos e todas, fortalecendo a cultura de cooperação pedagógica e o compromisso com o aprimoramento dos indicadores municipais.

O Laboratório Respeito às Infâncias nasce do reconhecimento das etapas da educação infantil e dos anos iniciais como fundamento da formação humana e como espaços de afirmação da dignidade das crianças. Sua intencionalidade metodológica é fortalecer o olhar sistêmico sobre as infâncias, promovendo práticas pedagógicas que articulem o brincar, o corpo, a linguagem, a arte e a convivência como dimensões essenciais do aprender. Ao investigar como a escola pode tornar-se um território de cuidado, expressão e pertencimento, o Laboratório provoca a rede a repensar tempos, ritmos e formas de organização do trabalho escolar.

Laboratórios de Pesquisa Reorganizados

Direito ao Ato de Ler e Escrever no Mundo

O que pesquisa?

Estratégias de ensino-aprendizagem baseadas na concepção de educação integral e antirracista em prol do direito à alfabetização plena

Respeito às Infâncias

O que pesquisa?

Foco na primeira infância e olhar integral para a formação de sujeitos de direitos

Gestão Democrática

O que pesquisa?

Práticas de gestão, liderança e participação para garantia da convivência democrática na gestão escolar e educacional

Fonte: Relatório de pesquisa (Soledade-RS) 2024.

Ao mesmo tempo, o Laboratório impulsiona a rede a consolidar uma visão integrada do desenvolvimento infantil, estimulando a construção de currículos articulados entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Essa perspectiva busca evitar rupturas entre as etapas e promover continuidades pedagógicas que respeitem o percurso de cada criança e fortaleçam a coerência da proposta educativa municipal. Assim, o Laboratório Respeito às Infâncias amplia o olhar para o desenvolvi-

to humano dos sujeitos que compõem a comunidade escolar, apoiando a construção de uma política educacional centrada na integralidade, na permanência dos vínculos e na valorização das experiências que formam pessoas, escolas e territórios.

O Laboratório Gestão Democrática, por sua vez, constitui o aprofundamento natural dessa trajetória. Ele foi criado para qualificar as práticas de comunicação, mobilização e gestão nas comunidades escolares, reconhecendo a gestão como dimensão pedagógica do processo educativo. A pesquisa-ação evidenciou que os modos de decidir, planejar e se relacionar dentro da escola são também práticas formativas que expressam valores e produzem cultura institucional. Nesse Laboratório, a rede investiga formas de ampliar a participação e a corresponsabilidade de docentes, estudantes, famílias e pessoas funcionárias nos processos de decisão, fortalecendo a governança participativa e a ética do diálogo. Assembleias pedagógicas, pactos de convivência, colegiados e fóruns de escuta tornam-se estratégias de experimentação para sustentar uma gestão comprometida com o enraizamento das práticas educacionais baseadas em uma Educação Integral e Antirracista.



Imagem: Registro dos laboratórios repactoados em Soledade(RS), outubro/2025.

Em conjunto, os três Laboratórios repactuados sintetizam o principal legado da experiência de Soledade: a Educação como processo de transformação coletiva e contínua. Cada um expressa, em sua forma e intencionalidade, o mesmo princípio que orienta toda a metodologia do Mapa Sistemico — o de que pensar e agir são movimentos inseparáveis e que a escola é, antes de tudo, um espaço de pesquisa e criação social. Ao articular alfabetização, infância e gestão em uma perspectiva integrada, Soledade fortalece uma política educacional que aprende com a prática, escuta o território e constrói, em rede, novos modos de viver, aprender e cuidar juntos.

A experiência de Soledade evidencia, assim, que os ciclos de mobilização são a própria forma da pesquisa-ação acontecer, como movimento processual de construção coletiva, no qual a reflexão teórica e a prática educativa se constituem mutuamente. Os Laboratórios de Pesquisa sintetizam essa aposta — são espaços de escuta e criação, de análise e ação, de planejamento e afeto. Por meio deles, a rede municipal passou a reconhecer a escola como núcleo de produção de conhecimento e de inovação institucional, em um processo de aprendizagem organizacional que envolve profissionais da Educação, equipes de gestão e todas as pessoas que compõem o território.

O ano de 2025 encerra o ciclo de incidência direta da pesquisa-ação em Soledade, mas não o seu movimento. Ao contrário, representa o momento em que a experiência se enraíza no território e passa a florescer sob o cuidado da própria rede municipal. As sementes lançadas ao longo desses três anos — os processos de escuta, os vínculos construídos, os Laboratórios criados e as novas formas de planejar e aprender em conjunto — permanecem vivas e férteis. O que se encerra é uma etapa de acompanhamento; o que se inicia é uma fase de autonomia, em que os aprendizados metodológicos se tornam práticas cotidianas e as práticas se convertem em políticas públicas. Assim, Soledade segue cultivando, com a força de sua comunidade educativa, novos ciclos de qualificação e inovação das políticas educacionais, consolidando-se como território que aprende, cria e se transforma de modo contínuo e coletivo.

Referências bibliográficas

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Registro da Hipótese Metodológica**, 2024, (documento interno).

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Pesquisa-ação em Educação Integral: experiências iniciais de implementação. In: **Teoria e prática na educação**. São Paulo: Editora Autografia, 2025.

COSTA, Thais Almeida; ARAÚJO, Wesley B.; PONCE, Branca Ju-
rema. Justiça social e justiça curricular: enlaces teóricos para aná-
lise e proposição de políticas e práticas curriculares. **Educação &
Sociedade**, Campinas, v. 40, n. 147, p. 1045-1067, jul./set. 2019.
Disponível em: [educu.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi-
d=S1809-38762019000301045](https://educu.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762019000301045). Acesso em: 27 jun. 2025.

ZERDA, Juanita; MILLIGAN, Katherine; KANIA, John. Aprofundar as rela-
ções para mudar os sistemas. **Stanford Social Innovation Review – SSIR
Brasil**, 12 jun. 2023. Disponível em: [ssir.com.br/colaboracao-2/aprofun-
dar-as-relacoes-para-mudar-os-sistemas](https://ssir.com.br/colaboracao-2/aprofundar-as-relacoes-para-mudar-os-sistemas). Acesso em: 14 dez. 2025.

Minibiografia das autoras



Giulia Garuzi Luz

Pesquisadora e gestora pública, com formação voltada às políticas de equidade de gênero e suas interseccionalidades. Cientista social e mestre em Ciências Sociais pela UERJ, atua no campo da prevenção e enfrentamento às desigualdades e violências contra meninas e mulheres. Como gestora, desenvolveu programas de prevenção no ambiente escolar, como o Programa Nós+Seguras, implementado nas escolas estaduais do Rio de Janeiro, e integrou a pesquisa-ação “Territórios Educativos e Educação Integral em contexto de crise: caminhos para a transformação de redes e escolas brasileiras” entre os anos de 2022 a 2026.



Heloísa Martins Proença

Pedagoga, Mestre em Educação (UNICAMP), especialista em Educação Infantil (USF) e Educação de Jovens e Adultos (UNESP). Doutoranda (FE - Unicamp). Organiza e coordena Grupos de Estudos constituídos em Redes (GRUPAD/GEPEC/UNICAMP e GRUCOP/GEPEC/UNICAMP). Atua nas áreas de formação centrada na escola, pós-graduação, gestão escolar e gestão educacional, práticas pedagógicas na Educação Básica, assessoria pedagógica para sistemas de ensino e elaboração de projetos educacionais especiais. Integrou a pesquisa-ação “Territórios Educativos e Educação Integral em contexto de crise: caminhos para a transformação de redes e escolas brasileiras” entre os anos de 2021 a 2026.

**Acesse os materiais da pesquisa-ação
pelos seguintes canais:**

cidadeescolaaprendiz.org.br/atuacao-sistemica



www.facebook.com/associacaocidadeescolaaprendiz



www.instagram.com/cidadeescolaaprendiz/



go.aprendiz.org.br/oxjLPD

Realização:

APRENDIZ
CIDADE ESCOLA

Apoio:

if **imaginable**
futures